



JONATHAN EDWARDS  
UMA ANTOLOGIA

ESCRITOS PÚBLICOS E PESSOAIS

Editado por John E. Smith,  
Harry S. Stout e Kenneth P. Minkema

Jonathan Edwards permanece inigualável entre os teólogos norte-americanos. Essa coletânea exemplifica as qualidades que o distinguem: eloquência, conhecimento do coração humano e paixão metafísica pela complexa beleza existente na natureza, em Deus e no ser em geral.

**Richard R. Niebuhr (1926-2017)**, professor emérito de teologia na Harvard Divinity School e filho de H. Richard Niebuhr, autor de *Cristo e cultura*.

A mais abrangente antologia já feita de textos de Edwards em um único volume.

— **Gerald R. McDermott**, *Religious Studies Review*

Os editores trouxeram para essa obra um raro conhecimento de toda a gama de escritos de Edwards, muitos dos quais ainda não foram sequer publicados. Procurando “refletir de modo substancial o Edwards todo, público e pessoal”, eles incluíram não apenas muitos sermões e tratados já publicados e bem conhecidos, mas também escritos autobiográficos, cartas e documentos de família.

—*American Literature*

Seleções [...] representativas tanto do Edwards público quanto do Edwards de carne e osso [...] dão aos leitores uma perspectiva variada do filósofo e do seu tempo, bem como uma introdução acessível à sua obra.

—*Booklist*





## Sumário



Introdução pelos editores.....	7
Cronologia da vida de Edwards.....	41
Leitura adicional.....	43
<b>Carta sobre a aranha (1723).....</b>	<b>45</b>
<b>Sobre o Ser (1721).....</b>	<b>53</b>
<b>Beleza do mundo (1725).....</b>	<b>59</b>
<b>Imagens de coisas divinas (1728) .....</b>	<b>61</b>
<b>A mente (1723) .....</b>	<b>67</b>
<b>Miscelânea (1722).....</b>	<b>81</b>
<b>Notas sobre o Apocalipse (iniciadas em 1723).....</b>	<b>95</b>
<b>Uma narrativa fiel da surpreendente obra de Deus (1737) .....</b>	<b>103</b>
<b>Sermões</b>	
<i>Pecadores nas mãos de um Deus irado (1741) .....</i>	<i>133</i>
<i>Uma luz divina e sobrenatural (1734) .....</i>	<i>149</i>
<i>Uma história da obra de redenção: Sermão 1 (1739) .....</i>	<i>167</i>
<b>Afeições religiosas (1746).....</b>	<b>179</b>
<b>Caso do livro impróprio (1744) .....</b>	<b>213</b>
<b>Uma humilde investigação (1749).....</b>	<b>221</b>
<b>Liberdade da vontade (1754).....</b>	<b>233</b>
<b>Pecado original (1758).....</b>	<b>263</b>
<b>A natureza da verdadeira virtude (1765) .....</b>	<b>283</b>

**Escritos pessoais**

<i>Diário (1722)</i> .....	305
<i>Resoluções (1722)</i> .....	313
<i>Apóstrofe a Sarah Pierpont (c. 1723)</i> .....	320
<i>Narrativa pessoal (c. 1739)</i> .....	320
<i>Recibo da escrava Vênus (1731)</i> .....	335

**Cartas**

<i>A Timothy Edwards, 1.º de março de 1721</i> .....	337
<i>A George Whitefield, 12 de fevereiro de 1739/40</i> .....	339
<i>A Moses Lyman, 10 de maio de 1742</i> .....	341
<i>A Joseph Bellamy, 15 de janeiro de 1746/47</i> .....	343
<i>A Sarah Pierpont Edwards, 22 de junho de 1748</i> .....	345
<i>A Thomas Foxcroft, 24 de maio de 1749</i> .....	346
<i>A Esther Edwards Burr, 28 de março de 1753</i> .....	350
<i>A Thomas Prince, 10 de maio de 1754</i> .....	353
<i>Aos curadores da College of New Jersey, 19 de outubro de 1757</i> .....	359

Índice remissivo .....	365
------------------------	-----



## Introdução



**J**onathan Edwards (1703-1758) foi o maior teólogo e filósofo dos Estados Unidos na época em que ainda eram colônia inglesa. Durante a vida, atuou como professor, pastor, avivalista, missionário e presidente de faculdade, no processo de se estabelecer como um dos clérigos mais influentes no mundo religioso anglo-americano. Além do impacto que teve em sua própria época, seu trabalho e vida continuam a impressionar e enriquecer gerações de estudiosos que encontram nos escritos de Edward as chaves para entender o passado e o próprio presente.

Edwards é a personagem religiosa por excelência em um tempo em que a religião predominava. A Revolução de 1776 ainda não estava no horizonte na época de sua morte, em 1758, embora o *ethos* democrático e individualista que a caracterizaria estivesse em dores de parto. O mundo de Edwards foi em grande medida o mundo construído pelos puritanos. Destes ele herdou o desafio supremo de conciliar toda a vida e o conhecimento com os ditames da lei de Deus encontrados nas Escrituras e na natureza. Ainda assim, como acontece com todos os gênios, não se limitou a aceitar sem questionamento as verdades recebidas do passado. No decorrer de uma carreira de quatro décadas, ele remodelou e reformulou uma cosmovisão puritana do século 17 em algo totalmente diferente, algo que, pelos padrões esclarecidos do século 18, era “moderno” e peculiarmente seu.

Em uma cultura puritana que não era dada a atividades seculares ou à literatura, a teologia era necessariamente o meio artístico e intelectual usado para expressar as ideias mais elevadas da cultura. Em *Jonathan Edwards* (1949), a clássica biografia escrita por Perry Miller, o autor comparou Edwards a um Milton americano: a teologia era o meio de expressão de Edwards tão certo

quanto o verso branco era o meio de Milton. No mesmo estilo grandiloquente, mas tendo outro exemplo em mente, H. Richard Niebuhr apelidou Edwards de “Agostinho americano”. Ambos estavam certos. À semelhança de Milton, Edwards buscou na religião de língua inglesa uma renovação que fizesse justiça à Reforma, a qual o alemão Martinho Lutero e seus herdeiros protestantes haviam provocado. E, tal como Agostinho procurou conciliar a piedade com as formas mais elevadas de conhecimento secular no mundo latino da lógica e da retórica, Edwards procurou conciliar a piedade com a nova era científica e filosófica iniciada por Newton e Locke. Contudo, nem o termo “artista” nem o termo “teólogo”, quando entendidos isoladamente, consegue captar a medida plena do homem; é apenas na interseção dos dois que podemos começar a entender o alcance das realizações de Edwards.

Como todos os gênios da criatividade, Edwards tomou emprestado boa parte do melhor de sua época e lugar, sem ficar em dívida com ninguém. Como Samuel Hopkins, um discípulo de Edwards, disse de seu mentor, “ele não chamou ninguém de pai”.<sup>1</sup> Além dos Reformadores e Puritanos, Edwards leu amplamente, nos grandes luminares da época, Descartes, Newton, Locke, Malebranche e Berkeley. De todos esses campos do conhecimento ele apanhou ideias e as tomou emprestado até que, em uma idade notavelmente precoce, formulou sua própria síntese: uma cosmovisão “edwardsiana”, cujas colunas conceituais e metafóricas sustentaram, de maneiras novas e convincentes, doutrinas tradicionais.

Nada menos do que todo o *corpus* edwardsiano fará finalmente justiça ao alcance e à profundidade da piedade e erudição de Edwards. Considerar que um ou dois textos de alguma forma representam o todo é correr o risco de distorção. Lamentavelmente, o único encontro de inúmeros alunos de ensino médio com Edwards foi apenas em *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, reproduzido nas antologias adotadas em suas escolas. Esse sermão, brincou Perry Miller certa vez, ajudou a difamar Edwards mais do que todos os seus críticos juntos. Para dar o devido valor à capacidade e à habilidade artística de Edwards, cada texto tem de ser visto como uma joia primorosamente lapidada e incrustada em uma coroa maior, ainda que incompleta. Há em Edwards uma enorme coerência que nenhuma seleção de textos ou ensaios isolados conseguem abranger de modo completo e que apenas o todo consegue revelar plenamente.

---

<sup>1</sup>Hopkins, *The life and character of the late Reverend Mr. Jonathan Edwards* (Boston, 1765), p. 41.

Dizer que apenas a obra completa de Edwards fará justiça à essência de sua genialidade é ir longe demais. Edwards foi um dos mais prolíficos autores americanos antes de 1800. E, diferentemente de autores que publicaram mais textos, como é o caso de Cotton Mather, boa parte da obra de Edwards consistia em conhecimento de ponta, inacessível em épocas anteriores. Por mais numerosas que sejam suas publicações, há ainda um volume igualmente prodigioso de cadernos, sermões, escritos pessoais e cartas não publicados, muitos dos quais nunca foram sistematicamente estudados ou mesmo transcritos. Só agora, no início do século 21, é que está quase concluída uma edição completa dos escritos publicados e não publicados de Edwards, a saber, *The works of Jonathan Edwards* [As obras de Jonathan Edwards], cuja publicação está sendo feita pela Yale University Press, tendo sido iniciada em 1953. Ao contrário de edições anteriores, praticamente metade da edição da Yale apresentará textos manuscritos nunca publicados até hoje. Quando concluída, a obra revelará pela primeira vez toda a extensão da mente fecunda de Edwards.

Como a edição ainda não está concluída e como abrange um número excessivo de volumes para poder ser usada com proveito em sala de aula, os responsáveis pela edição dos textos de Edwards decidiram, junto com a Yale University Press, publicar uma coletânea nova e abrangente de escritos públicos e pessoais de Edwards que reproduzissem um pouco da amplitude e profundidade do *corpus* maior sob nossa direção. O momento parece apropriado por duas razões. Primeiro, apesar da reconhecida importância de Edwards, são raras as coletâneas abrangentes das obras desse autor. A melhor edição do início do século 20, feita por Clarence H. Faust e Thomas H. Johnson (1935), está esgotada — para não dizer desatualizada —, de modo que não há praticamente nada disponível para conduzir o estudioso sério no labirinto dos estudos de Edwards. Segundo, só agora, estando a publicação do *corpus* edwardsiano bem avançada, é possível ter uma ideia do que é realmente característico no enorme número de cadernos, sermões e cartas armazenados principalmente na Biblioteca Beinecke de Livros Raros e Manuscritos, da Universidade de Yale, bem como na Biblioteca Trask, da Andover Newton Theological School, e em acervos espalhados pelo mundo.

Houve bastante cuidado na escolha de documentos para esta obra. Um questionário inicial solicitando sugestões para uma antologia de Edwards foi enviado dos escritórios dos editores para professores e acadêmicos nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá e Austrália. O nível de resposta foi excepcionalmente alto, assim como o entusiasmo com uma nova antologia. Quando

solicitados a dar sugestões específicas, esses entrevistados mencionaram os textos clássicos já publicados que justificadamente consagraram Edwards durante sua própria época e depois. Em primeiro lugar na lista deles estavam textos-padrão, tais como “A mente”, *Uma narrativa fiel*, *Afeições religiosas*, *Liberdade da vontade* e *A natureza da verdadeira virtude*.

Embora os professores tenham confirmado o interesse duradouro no Edwards filósofo e teólogo, em sua maioria eles não tinham conhecimento do Edwards subterrâneo, cujas anotações, sermões e cartas não publicadas sobreviveram em grande número. Ao contrário do que alguns biógrafos anteriores sugeriram, esse Edwards mais pessoal e íntimo não era, de forma alguma, um cético dissimulado ou um agnóstico enigmático. Mas era um Edwards *humano*, cuja humanidade brilhava em tudo, desde discussões sobre salários até remédios caseiros para crianças doentes. Para que aquele Edwards mais íntimo fosse representado na antologia, a comissão executiva desta edição recorreu a editores associados e editores de pesquisa, os quais vinham trabalhando nesses manuscritos, para fazerem as seleções. Da mesma forma, a comissão pediu a editores de volumes anteriores que escolhessem materiais que haviam editado. Assim, esta antologia é, em grande parte, um esforço colaborativo, indo muito além dos três editores responsáveis pela elaboração da obra. O resultado é um volume breve o suficiente para uso em sala de aula, mas abrangente o suficiente para refletir de modo substancial o Edwards *todo*, público e pessoal. Um panorama como esse não consegue jamais substituir o todo, mas pode fielmente representar — e em nossa opinião representa — o contorno completo de sua vida notável.

Ao apresentar ao leitor estes textos seletos, nós os dividimos em duas seções principais que tratam, respectivamente, do *corpus* publicado de Edwards, bem como dos sermões e tratados nos quais esse *corpus* se baseou, e de textos de sua vida pessoal, conforme revelada em escritos autobiográficos, correspondência e papéis de família.

## O Edwards público

O Edwards público representado nestes textos seletos segue uma ordem essencialmente cronológica. Edwards nasceu em East Windsor, na colônia de Connecticut, em 5 de outubro de 1703, filho único do reverendo Timothy Edwards e de Esther Stoddard Edwards, que era filha do reverendo Solomon Stoddard, o influente “papa” de Northampton, Massachusetts. Os pais de Jonathan Edwards investiram no filho todas as energias na esperança de alcançar



renome para a família, treinando-o rigorosamente para uma vida clerical. Jovem precoce, ele entrou na Yale College em 1716, já tendo uma mente inquiridora que não conhecia limites, quer científicos quer literários. Somado à sua mente prodigiosa havia um desejo ardente de ser amplamente reconhecido como “instrumento” na causa de seu Cristo.

Nossos primeiros textos seletos apresentam o estudante Edwards. Tendo se formado na Yale College em 1720, em seguida obteve o mestrado e, então, durante 1722 e 1723, seu primeiro púlpito, em uma igreja presbiteriana na cidade de Nova York. Depois de um breve pastorado na cidade de Bolton, em Connecticut, Edwards assumiu em 1724 a função de professor assistente em Yale, a qual desempenhou por dois anos. Esses anos foram incrivelmente frutíferos para ele. Nos textos desse período, o leitor terá uma ideia da profundidade de sua investigação científica e filosófica, bem como do universo teológico mais amplo em que essa investigação sempre ocorria. Na “Carta sobre a aranha”, escrita em 1723, encontramos o Edwards jovem cientista a observar com perspicácia o comportamento de uma espécie de aranha voadora, “decidido, se possível, a descobrir os mistérios dessas suas incríveis atividades”. Dedicando-se animadamente a seu experimento e, para isso, exercitando as consideráveis faculdades de sua mente em desenvolvimento, Edwards declara: “Descobri uma maravilha após a outra até eu ficar tão contente por ver, com bastante frequência, todo o modo de trabalhar das aranhas”. Vemos também o Edwards metafísico, vislumbrando no misterioso equipamento que permite à aranha voar uma lição ilustrada da “sabedoria do Criador”. Ao longo da vida, Edwards conservou na memória essa imagem da aranha, apresentando-a em seu famoso sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado* e em qualquer outra oportunidade na qual fossem imaginados e retratados os caminhos autodestrutivos dos seres humanos.

Para os pesquisadores do século 18 com uma mentalidade mais empírica, a pesquisa das ciências naturais devia ser feita para o próprio benefício delas. Mas o Edwards pesquisador via nas plantas ou nos animais, na física ou na óptica, a face de Deus. Vernon Parrington, que no século 20 se dedicou ao estudo da literatura, lamentou o “anacronismo” de Edwards e deplorou a perda, para a religião, de alguém com potencial para ser um grande cientista.<sup>2</sup> Mas Parrington não entendeu a essência da questão. As pesquisas do jovem Edwards

---

<sup>2</sup>Vernon Parrington, *Main currents of the American mind* (3 vols., New York: Harcourt, Brace, 1927; reimpr. 1930), vol. 1, p. 152-63.